



# Boletim Informativo

VOLUME 02, NÚMERO 01 e 02. DEZEMBRO DE 2019  
SERRA TALHADA – PERNAMBUCO  
ISSN 2595-766X

## NESTA EDIÇÃO:

EDITORIAL	1
I CONGRESSO DADÁ DE ESTUDOS DE GÊNERO	2
AS IMPRESSÕES DE UMA PROFESSORA FEMINISTA NO VALE DO PAJEÚ	4
COM O CANTO DAS MARGARIDAS SE FEZ PRIMAVERA	5
PESQUISA E EXTENSÃO NO CAMPO	6
PESQUISADORAS DO DADÁ INVESTIGAM E DENUNCIAM UNIVERSIDADE E MATERNIDADE	6
UNIVERSIDADE E MATERNIDADE	7
SETEMBRO AMARELO	7
EXTENSÃO: GRUPO JOVENS EM AÇÃO	8
AÇÕES EM SAÚDE PÚBLICA DO CTR LGBT DA XI GERES	9
MULHERES DO SERTÃO E DA MÚSICA	10
PLURAIS DE UMA PRÁTICA ESCOLAR ANTIRRACISTA	11
A AIDS, AS PESSOAS TRANSEXUAIS E GAYS NEGRAS E POBRES NO LIVRO 'O SEGUNDO ARMÁRIO' E NA SÉRIE 'POSE'	12
DADA RECOMENDÁ	13
JAZZ	14
DADA POÉTICO	15

## EDITORIAL

É com grande felicidade que apresentamos o segundo número em volume único de 2019 do **Boletim Informativo**. Chegar aqui significa que o Grupo Dadá além de continuar suas parcerias e atividades, construiu novas propostas, diálogos e saberes.

O **Boletim** abre com a exposição do I Congresso Dadá de Estudos de Gênero – CODEG, realizado na UFRPE-UAST, em maio de 2019. Uma semana na qual o Dadá fez dialogar profissionais e estudantes de diferentes áreas voltadas para os estudos de gênero, sexualidade e saúde. Uma breve reflexão sobre o CODEG é feita pela profa. Hildete Melo, ilustre convidada, e na matéria sobre Universidade e Maternidade.

Em seguida, o **Boletim** partilha os depoimentos de duas integrantes do Dadá sobre a Marcha das Margaridas e a experiência extensionista no meio rural, respectivamente. A Extensão é retomada na exposição do projeto junto ao Grupo Jovens em Ação e na discussão sobre o Setembro Amarelo.

No que diz respeito à Pesquisa, o **Boletim** traz a reflexão sobre a questão de gênero na educação. O **Boletim** traz, ainda, as ações de saúde LGBT de 2019, discute feminismo na música no sertão e racismo na educação.

As últimas páginas propõem reflexões acerca de livros e filmes sobre a população trans e a AIDS, uma indicação de documentário, além de aproximações com o feminismo na literatura dos EUA e de Triunfo.

Agradecemos aos colaboradores e desejamos boa leitura.

## DIRETRIZES PARA COLABORADORES

O Boletim é publicado semestralmente. As propostas deverão observar as temáticas do Grupo (gênero, sexualidade e saúde) e serem enviadas para: [dadaufrpe@gmail.com](mailto:dadaufrpe@gmail.com).

Os textos submetidos poderão ter até 200 palavras com 1 figura, ou até 450 palavras, com 2 figuras. As figuras deverão estar legendadas e sua fonte identificada.

Formatação: Liberation Serif; título centralizado, caixa alta, negrito, tamanho 13; texto fonte 12, espaço simples, parágrafo 0,5cm; identificação completa do autor e legendas, fonte 9.



## I CONGRESSO DADÁ DE ESTUDOS DE GÊNERO

Após um ano intenso de atividades, o Dadá celebrou seu segundo aniversário realizando o I CODEG – Congresso Dadá de Estudos de Gênero. No período de 21 a 24 de maio de 2019, o I CODEG protagonizou um momento fundante para as discussões de Gênero no Sertão do Pajeú em Pernambuco com a presença de pesquisadoras e pesquisadores, estudantes, profissionais da educação e movimentos sociais de Serra Talhada, cidades e estados circunvizinhos e de todo o Brasil.

Com a missão de contribuir com a discussão sobre gênero, sexualidade e saúde pela perspectiva das políticas públicas, dos movimentos sociais, das desigualdades, da educação, das masculinidades e das interseccionalidades, o I CODEG trouxe em sua programação minicursos, mesas redondas, Grupos de Trabalho, além de momentos culturais de abertura e encerramento.

Todas as atividades ocorreram no campus da Unidade Acadêmica de Serra Talhada - Universidade Federal Rural de Pernambuco – exceto pela comemoração de encerramento, a Festa *Sui Generis*, realizada no Quintal do Museu do Cangaço de Serra Talhada.



Figura 1: Coletivo Pantim; Mesa de Abertura.  
Fonte: Arquivo Dadá (2019).

Em meio a um turbilhão de participações políticas a favor da universidade pública de qualidade, o I CODEG teve início na noite do dia 21 de maio, com cortejo Poético e musical do Grupo Pantim (ao lado), de Triunfo, que direcionou os convidados e participantes para a Garagem da UAST.

Na Garagem, a cerimônia de abertura contou com a presença das coordenadoras do Dadá, Professoras Lorena Moraes, Larissa Cavalcanti e Nicole Pontes, além da Diretora da Unidade Acadêmica de Serra Talhada, Profa. Katya Oliveira (ao lado).

A primeira mesa-redonda ocorreu em seguida, foram os Diálogos de Abertura com o tema Feminismos – teoria, movimento e prática por um mundo melhor. Foram palestrantes esta noite, as convidadas Zelinda Barros e Elisa Pankararu, que brindaram a todos com falas poderosas sobre mulheres a partir de suas perspectivas interseccionais das experiências negra e indígena.

O segundo dia do evento, dia 22 de maio, começou às oito da manhã, com realização de três minicursos:

- 1) Educação, Relações Étnico-Raciais e Interculturalidades, ministrado por Zelinda Barros (UNILAB);
- 2) Saúde Sexual e Reprodutiva no Brasil: avanços e retrocessos, ministrado por Inaldete Pinheiro e com participação exclusiva de mulheres;
- 3) Metodologias Feministas nos movimentos de mulheres trabalhadoras rurais, com Verônica Santana (MMTR-NE), exclusivamente para mulheres trabalhadoras da região do Pajeú.



Figura 2: (esq. para dir.) Diálogos de Abertura; Minicurso com Inaldete Pinheiro; Minicurso com Zelinda Barros.  
Fonte: Arquivo Dadá (2019).

## I CONGRESSO DADÁ DE ESTUDOS DE GÊNERO

Na tarde do dia 22 de maio, o I CODEG propiciou o I Encontro da Rede Interdisciplinar de Mulheres Acadêmicas do Semiárido, que contou com a presença de pesquisadoras de várias regiões do Ceará, da Bahia, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, solidificando uma estrutura de compartilhamento de conhecimento e produção acadêmica interdisciplinar e integradora das diversas realidades de vida, trabalho e produção do conhecimento sobre o Semiárido nordestino.



Figura 3: I Encontro da RIMAS (acima); Minicurso com Hildete Melo (dir. sup.) Minicurso com Verônica Santana (dir. inf.)  
Fonte: Arquivo Dadá (2019).

Finalizando o dia, a mesa redonda Gênero e Relações de Trabalho: olhares do urbano ao rural contou com a presença da querida professora Hildete Pereira de Melo e das coordenadoras do Dadá Lorena Moraes e Nicole Pontes para discutir trabalho, uso do tempo e gênero com dados da pesquisa sobre usos do tempo entre mulheres rurais no Pajeú.

No dia 23 de maio, logo pela manhã, ocorreu a primeira sessão do minicurso Mulheres e Trabalho: metodologias de pesquisa, ministrado por Hildete Melo. À tarde, iniciaram-se as apresentações dos Grupos de Trabalho do Congresso. O final do penúltimo dia de evento foi marcado pela mesa-redonda com Verônica Santana e Laécia Jalil sobre o tema Gênero, Democracia e Sociedade.

Na última manhã do I CODEG, encerrou-se o minicurso Mulheres e Trabalho: metodologias de pesquisa. À tarde, ocorreram as apresentações dos Grupos de Trabalho com destaque ao GT Gênero e Saúde que contribuiu com o I Fórum de Saúde LGBT do Sertão, prestigiado pelo coordenador estadual de Atenção Integral à Saúde da População LGBT, Luiz Valério, e pela coordenadora do Espaço de Cuidado e Acolhimento Trans do Hospital das Clínicas da UFPE, Suzana Livadias.

À noite, os Diálogos de Encerramento concluíram as atividades acadêmicas do I CODEG nas falas de Jorge Lyra e Heleno Nunes sobre Masculinidades, Paternidades e Relações de Gênero.

O encerramento oficial do I CODEG ocorreu na Festa *Sui Generis* com a participação da Batucada Feminista do Sertão, de Afogados da Ingazeira, do grupo A Cristaleira, liderado por Jessica Caitano, de Triunfo, e da DJ serra-talhadense Bonnie Mahogany em uma noite de diversidade humana e musical.

Figura 4: (esq. para dir.) Mesa-redonda Gênero, Democracia e Sociedade; GT Gênero e Saúde e I Fórum LGBT;

Fonte: Arquivo Dadá (2019).



Texto escrito pela Coordenação do Dadá: Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Relações de Gênero, Sexualidade e Saúde da UFRPE/UAST.

## AS IMPRESSÕES DE UMA PROFESSORA FEMINISTA NO VALE DO PAJEÚ!

Em janeiro de 2018 e maio de 2019, visitei o sertão de Pernambuco à convite da Unidade Acadêmica de Serra Talhada da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE/UAST). A primeira ida foi para ministrar um curso de extensão (20 horas) sobre “Mundos do Trabalho nos séculos XX e XXI: Economia e Sociedade das relações de gênero e raça no Brasil” e a segunda foi como palestrante e professora de um minicurso no I Congresso DADÁ de Estudos de Gênero.

Um pouquinho de minha história: nasci nas margens do Velho Chico e aos três anos cheguei à Serra da Borborema, em Campina Grande/PB, onde vivi minha infância e mocidade. Estudei na UFPB, trabalhei, casei e depois de um interlúdio na França onde assisti à virada estudantil e operária de 1968. Voltei ao Brasil e a ditadura militar expulsou-me da Paraíba para a cidade do Rio de Janeiro, onde estou até hoje. Tornei-me professora universitária, descobri os feminismos e junto com outras mulheres, lentamente, fomos introduzindo os estudos de gêneros nos cursos universitários. Nesses anos, minha família estabeleceu-se em Recife e esporadicamente visitei-os ao longo desses anos.

Essa primeira experiência com a moçada estudantil sertaneja nos estudos de trabalho, gênero e raça foi uma das experiências mais gratificantes que tive na minha carreira docente. Durante toda a semana, a turma cheia com jovens de ambos os sexos e colegas docentes discutindo os feminismos, a divisão sexual do trabalho, procurando analisar as diferentes facetas do trabalho e do emprego no masculino e no feminino – porque recusamos a neutralidade com que as ciências humanas e sociais trataram a variável “sexo” nos seus conteúdos analíticos.

Minha segunda ida à Serra Talhada foi em maio passado, fui convidada para o I CODEG, que ousadamente o DADÁ: Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Relações de Gênero, Sexualidade e Saúde da UAST/UFRPE promoveu naquela semana. A surpresa foi enorme com a presença de inúmeras docentes dos institutos federais regionais que compareceram ao congresso, com interessantes estudos e discussões acaloradas sobre as perspectivas teóricas feministas e seu desenvolvimento no trabalho acadêmico regional. Para completar, havia jovens estudantes de graduações diversas que enchiam as salas com olhares ávidos para tudo conhecer e falar de suas experiências e leituras.

No encerramento do congresso, na festa de confraternização realizada no Museu do Cangaço da cidade, fiquei impactada com a energia presente que nada devia aos eventos da juventude carioca sem distinção de cor e raça, com a poesia esfuziante da cantadora de coco Jéssica Caitano, que em rimas quinhentistas cantava a vida sertaneja. E o som e a alegria do salão fez-me entender que a ampliação da rede universitária nacional, ao espalhar o ensino superior pelas terras secas do sertão, tinha feito uma mudança que nenhuma mordalha irá calar.

Viva à cultura e à diversidade!

*Texto escrito por Hildete Melo, professora da Universidade Federal Fluminense e parceira do Dadá: Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Relações de Gênero, Sexualidade e Saúde da UFRPE/UAST*



*Figura 1: Mesa-redonda Gênero e Relações de Trabalho: olhares desde o urbano e o rural com presença da Profa. Hildete Melo.*

*Fonte: Arquivo Dadá (2019).*



*Figura 2: cena do minicurso Mulheres e Trabalho: metodologias de pesquisa ministrado pela Profa. Hildete Melo durante o I CODEG.*

*Fonte: Arquivo Dadá (2019).*

## COM O CANTO DAS MARGARIDAS SE FEZ PRIMAVERA EM PLENO DESERTO. EU FLORESCI UM POUCO MAIS

É com brilho nos olhos que relato, sem medo de errar, uma das melhores e mais renovadoras experiências que tive. Na minha concepção, a Marcha das Margaridas não começou no dia treze de agosto, como mostra o calendário, mas dois dias antes, em onze de agosto, quando milhares de mulheres começaram a marchar em direção à cidade águia onde se faz o destino do país (o Distrito Federal).

O sentimento de orgulho prevaleceu no meu ser e creio que no coração de muitas daquelas mulheres. Ver tantas mulheres unidas em busca de melhorias, fazendo política, lutando por seus direitos sem medo de represálias é, no mínimo, inspirador.

Viajamos com o grupo de mulheres do MST, quando conheci Suelly e aprendi um pouco mais sobre a força do empoderamento feminino, que o fortalecimento acontece no dia a dia, a cada batalha conquistada, a cada dia que continuamos vivas. Durante a viagem, conheci várias heroínas, mulheres fortes, mulheres reais que falam demandando que as escutem, silenciadas nunca mais. Somos nós donas do nosso destino. Mulheres de vários lugares, unidas em diferentes vozes, buscando exaltar a pluralidade e criando uma unidade. Presenciei uma troca divina de vivências.



Figura 1: Marcha das Margaridas  
Fonte: Arquivo Dadá (2019).

No primeiro dia, depois da chegada, vivemos uma programação maravilhosa, repleta de oficinas que iam de temas como empoderamento feminino à democracia e saúde. No fim da tarde, tivemos a batucada – uma coisa linda de se ver, mulheres dançando em festa, sendo livres, exaltando suas culturas, em uma troca de energia que não tem explicação.

Por fim, no último dia, fomos à Marcha das Margaridas Nunca me arrepiei tanto na vida como naquela manhã ensolarada! Dia de quase nenhuma nuvem no céu e vi com meus olhos um mar de mulheres de diferentes lugares do mundo, juntas por um único propósito: mostrar ao mundo sua força e que juntas podemos mais.

O mosaico mais lindo que já vi e vivi e que cantavam parecendo uma única voz:

Olha Brasília está florida ...  
Olha Brasília está florida ...  
É o querer, é o querer das Margaridas!  
É o querer, é o querer das Margaridas!

Ao chegarmos no DF, fiquei encantada. Apesar de ordinária Brasília, é encantadora. A visão de uma cidade utópica é, no mínimo, atraente. Boa parte do evento ocorreu no pavilhão do parque da cidade, que, particularmente, me pareceu um lugar pequeno demais para comportar mais de 100 mil mulheres com todo poder e espírito de luta. Nessa edição, ocorreu também a Primeira Marcha das Mulheres Indígenas: a junção perfeita para tamanha experiência.



Figura 2: Marcha das Margaridas  
Fonte: Arquivo Dadá (2019).

## PESQUISA E EXTENSÃO NO CAMPO

A vida nas áreas urbanas, mesmo que em pequenas cidades interioranas, nos faz, algumas vezes, esquecer da importância dos espaços rurais na nossa construção enquanto seres humanos. É neste sentido que os Projetos de Pesquisa e a Extensão Universitária do Grupo Dadá nos reaproximam e, algumas vezes, apresentam uma realidade rural e sertaneja desconhecida por muitos.

Fazer pesquisa de campo e extensão no campo é aprender muito mais do que ensinar: é aprender a conviver com a seca e com as desigualdades de classe, raça e gênero, é aprender que juntas podemos fazer bem mais, que a luta no campo é diária, mas que o sorriso e a gratidão daquelas famílias são maiores que qualquer desafio.

Fazer pesquisa nos mostra como somos privilegiados pelo simples fato de termos o que comer; fazer extensão nos mostra que sabemos tão pouco sobre nossa própria cultura. Fazer parte desses momentos é uma chance de nos reconhecemos e refazeremos.

*Texto escrito por Patrícia de Lira Marques, estudante do curso de Bacharelado em Ciências Econômicas na UAST/UFRPE, membro e bolsista de extensão do Dadá – Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Relações de Gênero, Sexualidade e Saúde da UAST/UFRPE.*

### PESQUISADORAS DO DADÁ INVESTIGAM E DENUNCIAM DESIGUALDADES DE GÊNERO DA EJA NO SERTÃO PERNAMBUCANO

A partir do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *EJA e Educação do Campo no município de Triunfo (PE)* de uma das pesquisadoras do Dadá e concluído em 2018, desenvolvemos uma reflexão acerca das desigualdades das relações de gênero no contexto da Educação de Jovens e Adultos no sertão de Pernambuco. Colocamos em evidência as dificuldades das mulheres rurais no acesso à educação e a identificação que a EJA se apresenta não só em sua função equalizadora e reparadora, mas enquanto reflexo de condições sociais desiguais que marcam o Brasil.

Na pesquisa, foram realizados grupos focais com o apoio de metodologias participativas, tais como a “chuva de ideias” e a “árvore de problemas” para observar as reações dos sujeitos envolvidos, registrar as falas e comportamentos, e analisar as interações entre as/os participantes. Entre os diversos aspectos identificados em sala de aula estão: a precariedade dos serviços públicos, as dinâmicas de trabalho, as relações cidade campo e a própria questão da EJA, chamaram atenção as desigualdades de gênero.

Muitas das dificuldades que vêm afastando as alunas do acesso à educação – casamento, gravidez, maternidade, proibições da família, responsabilização pelo trabalho doméstico e de cuidados, e sobrecarregadas jornadas de trabalho – estão arraigadas numa cultura que mantém o patriarcado como determinante nas constituições das relações sociais e das instituições vigentes no sertão brasileiro.

Para as autoras, ficou evidente que a permanência de relações e papéis de gênero conservadores, os quais subjugam as mulheres aos espaços domésticos e privados, bem como as responsabilizam pelo trabalho reprodutivo, são capazes de contribuir à expulsão escolar tão discutida nas perspectivas críticas e transformadoras da educação. Esta reflexão aponta que mesmo com alguns avanços no acesso das mulheres à educação no Brasil, jovens e adultas(os) da EJA mostram que as desigualdades de gênero, somadas às dificuldades de mobilidade, ainda são obstáculos concretos vivenciados pelas mulheres rurais e urbanas para chegar até à escola.

Para saber mais, confira o Dossiê Movimentos Sociais, Educação Popular e Utopias da #Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia, v.8, n.1, 2019.

*O texto foi escrito por Lorena Moraes, Shana Sieber e Juliana Funari, integrantes e pesquisadoras do DADÁ – Grupo de Pesquisa em Relações de Gênero, Sexualidade e Saúde da UFRPE/UAST.*

## UNIVERSIDADE E MATERNIDADE

Durante o I Congresso Dadá de Estudos de Gênero – CODEG, ocorrido na UFRPE-UAST no presente ano, foi promovido o GT Gênero e Educação. Dentre os importantes temas de pesquisa apresentados e discutidos na seção, todavia, notou-se a relevância da relação maternidade e universidade.

Algumas questões que surgem a este respeito envolvem a concepção da maternidade por colegas e docentes, a relação entre maternidade e produtividade acadêmica e a presença de crianças na universidade. Nos concentraremos, particularmente, nos dois últimos.

A permanência da mãe-discente na universidade e do acompanhamento das atividades acadêmicas estão previstos na Lei nº 6.202/1975, a qual declara que a partir do oitavo mês de gestação e durante três meses, a gestante-discente fica assistida pelo regime de exercícios domiciliares. Projeto de Lei 12/2018, ainda em tramitação, propõe expandir os três meses pós-gestação para seis meses. Em adição, é possível às mães-discentes ter acesso a auxílio financeiro junto à universidade, contanto que se adéquem aos critérios do auxílio.

Por outro lado, a presença de crianças em ambiente universitário, aponta o esforço da mãe-discente em estar na universidade além de sugerir a necessidade de as IES repensarem as estratégias de permanência para essas discentes. As creches universitárias, quando existem, são pensadas para servidores ou possuem vagas para discentes a serem preenchidas por critérios de cada instituição. Vale salientar que colegas e docentes, não raro, questionam a produtividade, a qualidade do trabalho e, até, a maternidade da discente que leva a criança consigo.

Não há respostas prontas nem fáceis para um tema multifacetado. Nada suaviza o acúmulo de tarefas do cuidado de si, da criança e aquelas do curso de graduação, mas fica evidente a urgência de faculdades e universidades pensarem em acolhimento e expandirem suas redes de apoio.

*Texto escrito por Larissa de P. Cavalcanti, professora da Licenciatura em Letras da UFRPE/UAST, coordenadora do Programa de Residência Pedagógica Letras-UFRPE/UAST membro do Dadá: Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Relações de Gênero, Sexualidade e Saúde da UFRPE/UAST e membro da Rede Interdisciplinar de Mulheres Acadêmicas no Semiárido*

## SETEMBRO AMARELO: SUICÍDIO DA POPULAÇÃO LGBTQI+

Para contemplar o Setembro Amarelo desse ano, o Dadá organizou um debate sobre o suicídio entre a população LGBTQI+, uma vez que este grupo está mais suscetível devido aos diversos tipos de opressão que sofre: as constantes ofensas, a falta de entendimento familiar ou a falta de autoentendimento enquanto pessoa que diverge do padrão binário e heteronormativo dominante na sociedade.

Na atividade, realizada no dia 30 de setembro na Garagem da UAST-UFRPE, com estudantes e docentes de diversos cursos da UAST, a palestrante Jamille Cardoso, psicóloga da UAST-UFRPE tratou do sofrimento que pessoas LGBTQI+ sofrem no contexto familiar. Esse é um dos aspectos mais delicados, uma vez que a maioria dos parentes tem dificuldades de lidar ou compreender a realidade e a complexidade dos processos de reconhecimento e identificação de gênero/sexualidade que fazem parte da experiência das pessoas LGBTQI+.

O debate também contemplou a UAST enquanto espaço de descoberta e liberdade para pessoas LGBTQI+, uma vez que como a maioria dos estudantes vem morar em Serra Talhada para estudar, distantes das relações familiares, ganham autonomia para viver de forma mais independente e sem pressões das expectativas familiares.

*Texto escrito por Rayanna Sophia de Souza, aluna do 6º período de Ciências Biológicas na UFRPE-UAST, membro do Dadá: Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Relações de Gênero, Sexualidade e Saúde da UFRPE/UAST e pesquisadora do Laboratório de Biotecnologia de Microalgas.*

**EXTENSÃO – GRUPO DE JOVENS EM AÇÃO**

Em julho de 2019, o Dadá foi convidado a fortalecer suas relações com a comunidade jovem do Quilombo Feijão e Posse em Mirandiba-PE, originando um projeto de extensão com objetivo maior de fortalecer as relações de sociabilidade e engajamento político a partir de ações mensais do Dadá em conjunto com o Grupo Jovens em Ação.

Cada reunião possui um tema central a ser desenvolvido em dinâmicas interativas que envolvem a participação de todos os membros do Grupo Jovens, do Dadá, e convidados especiais. As atividades são lideradas por estudantes-membros do Dadá, produzindo, também, um importante momento de crescimento e engajamento profissional de nossa equipe.



*Figura 1: Ação de Extensão do Dadá em Mirandiba..  
Fonte: Arquivo Dadá (2019).*

Após o primeiro encontro para definição das temáticas a serem abordadas, as reuniões seguintes deram o pontapé inicial as atividades oficiais. Até o fechamento dessa edição, foram realizadas três reuniões. Em 06 de julho, foram discutidas as temáticas de gênero e sexualidade com liderança de Rayanna Sophia de Souza e Deborah Santos.

Em 08 de setembro de 2019, com liderança de Thiely Oliveira e Natália Marques, discutimos Racismo com a comunidade. Na ocasião, também tivemos a realização de atividades de fortalecimento da identidade negra, com a oficina de produção de bonecas Abayomi e amarração de turbantes, organizadas por Ianny Maria da Conceição. Por fim, em 19 de outubro abordamos o tema Igualdade de Gênero, lideradas por Patrícia Marques e Roberta Cristina Ferreira de Souza Gomes.

Cada uma dessas atividades tem cumprido com louvor seu papel de transformar as relações do grupo de jovens com a comunidade e com os temas propostos.

Tal engajamento tem sido observado a partir de relatos dos próprios jovens acerca de comportamentos mais integrativos, como inclusão das meninas no futebol e a participação dos meninos nas atividades domésticas em suas residências.



*Figura 2: Grupo Jovens em Ação e o Dadá.  
Fonte: Arquivo Dadá (2019).*

*Texto escrito por Nicole L. M. T. de Pontes, professora de sociologia da UFRPE/UAST, coordenadora do Dadá: Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Relações de Gênero, Sexualidade e Saúde da UFRPE/UAST e membro da Rede Interdisciplinar de Mulheres Acadêmicas no Semiárido.*

## ACÇÕES EM SAÚDE PÚBLICA DO CTR LGBT DA XI GERES

O Comitê Técnico Regional de Saúde de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais da XI Gerência Regional de Saúde de Pernambuco continua realizando ações formativas em educação permanente no intuito de qualificar as Equipes de Saúde da Família acerca dos processos de cuidado e acolhimento as pessoas LGBT na rede que compõe o Sistema Único de Saúde do território. No primeiro semestre, do ano em curso, foram realizadas as seguintes atividades:



Figura 1: Membros da CTR LGBT XI GERES em Visita Técnica no Espaço Trans do HC –HFPE Fonte: XI GERES (2019).

*1ª Jornada Itinerante de Saúde LGBT* nos municípios que compõem o território geopolítico administrativo da XI GERES, com sede na cidade de Serra Talhada, considerada o quarto polo médico do Estado de Pernambuco;

*Visita Técnica* ao Espaço de Cuidado e Acolhimento às Pessoas Trans, do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco, responsável pelo processo transexualizador de usuários do SUS do Nordeste;

*Visita Técnica* Centro de Acolhimento aos Homens Trans do Centro Integrado de Saúde Amaury de Medeiros;

*Visita Técnica* Ambulatório de Saúde LGBT Patrícia Gomes da Policlínica Lessa de Andrade, para coletar informações para elaboração do projeto de implantação do primeiro ambulatório de Saúde LGBT do Sertão em Serra Talhada;

*Reuniões Ordinárias* entre os membros do Comitê para avaliação das ações e seu planejamento, inclusive para conferir *Menção Honrosa* aos Municípios de Floresta e Itacuruba pela criação de decreto de lei municipal acerca da utilização do Nome Social; ao DADÁ: Grupo de Pesquisa em Relações de Gênero, Sexualidade e Saúde (UFRPE/UAST) pela parceira, planejamento, elaboração e disponibilização de recursos humanos para ações da CTR LGBT e; ao Movimento LGBT Interior Leões do Norte pela parceria em ações formativas em saúde.

Cabe salientar que são inúmeros os desafios para a execução de cada uma dessas atividades, devido à falta de recursos financeiros por parte do Estado, à ausência de técnicos em saúde LGBT Regionais e Municipais qualificados na área, ou, até mesmo, aos preceitos estigmatizantes de muitos profissionais de saúde que não participam das formações continuadas em Saúde LGBT.

Contudo, a construção e implementação da política Nacional de Saúde Integral LGBT continua e esperamos contar com você nessa luta por direitos.



Figura 2: Ação formativa da 1ª Jornada Itinerante de Saúde LGBT em Triunfo. Fonte: XI GERES (2019).

*Textos escrito por Robson Aparecido da Costa Silva, Psicólogo Clínico, Especialista em Micropolítica da Gestão e Trabalho em Saúde pela Universidade Federal Fluminense - UFF e membro do DADÁ: Grupo de Pesquisa em Relações de Gênero, Sexualidade e Saúde (UFRPE/UAST).*

## MULHERES DO SERTÃO E DA MÚSICA

A centenária Filarmônica Vilabelense, patrimônio cultural de Serra Talhada, foi fundada em 29 de agosto de 1905 e hoje é formada por dezenove músicos, dos quais dezesseis são homens e três mulheres. Já passaram pela Filarmônica seis musicistas mulheres, em diversos instrumentos de sopro como: saxofone alto, clarinete e trompete. Esses números, porém, nos levam a pensar: por que será que o número de mulheres em grupos de música instrumental não chega a 50%? Se levarmos em consideração que a população brasileira é composta por 48,3% de homens e 51,7% de mulheres (PNAD, 2018), podemos afirmar que, de fato, a quantidade é mínima.

Apesar de exercerem seu trabalho com maestria, a invisibilidade em relação a essas mulheres existe. Por outro lado, isso não interfere na convicção de que estão no caminho certo e o quanto é importante a participação neste espaço. Embora sejam poucas, representam uma diversidade de mulheres: mães, solteiras, casadas, brancas, negras, heterossexuais, lésbicas, sertanejas.

Conhecer o universo musical e fazer parte da formação histórica e cultural da música instrumental do Sertão é o papel que desempenha essas mulheres, desconstruindo os padrões machistas que nos levam a refletir sobre a importância de mulheres em todos os espaços.

Essas mulheres são exemplos e sinônimos de bravura, pois, desmitificam a visão de “superioridade masculina”, e entendem que a música vem da alma e a luta faz parte da existência e quando houver aquela que não possa tocar, que assovie ou solfeje, mas nunca perca a essência desse dom.

*Texto escrito por Manuella Cristina da Silva, Professora de música e membro do Dadá – Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Relações de Gênero, Sexualidade e Saúde da UAST/UFRPE.*

### CONHEÇA ALGUMAS INSTRUMENTISTAS BRASILEIRAS

**Zabé da Loca** - Isabel Marques da Silva pernambucana de Buíque tocadora de pífano com mais de nove décadas vividas teve sua primeira gravação pública e notoriedade em 2003.

**Rosinha de Valença** – real nome Maria Rosa Canellas, foi uma Violonista concertista, cantora, e compositora considerada uma das matrizes instrumentais da bossa nova.

**Edith do Prato** – nome real Edith Oliveira Nogueira, foi percussionista e cantora que ganhou seu apelido por se apresentar usando uma faca e um prato como instrumentos.

**Badi Assad** – nome real Mariângela Assad Simão, é violonista, cantora, percussionista e compositora. Aos 19 anos, recebeu o título de melhor violonista brasileira no Concurso Internacional Villa-Lobos.

**Cristina Braga** - Carioca, a harpista e cantora nasceu em 1966 e é primeira harpista da Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, além de professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).



*Figura 1: As três mulheres da centenária Filarmônica Vilabelense  
Fonte: a autora (2019)*

## PLURAIS DE UMA PRÁTICA ESCOLAR ANTIRRACISTA

A sala de aula sempre foi um espaço de desafios que me movem como mulher preta, pobre e professora, a produzir aulas que dialoguem com o meu aluno. Ao chegar na universidade, tive a oportunidade de participar de eventos, grupos de estudos e programas de iniciação docente que causaram uma reviravolta na imagem que possuía deste profissional.

Notei que uma prática de ensino-aprendizagem desvinculada da realidade que forma cada aluno não consegue despertar seu interesse, afinal, enquanto explico construção de sentença e predicado, meu aluno pensa se terá sua próxima refeição.



Figura 1: Produções resultantes da Oficina de Crônicas pelo PRP-Letras/UAST Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

No Programa Residência Pedagógica, comecei a perceber meu lugar de fala na escola. Com as orientações, busquei introduzir nas minhas regências conteúdo e contexto para pensar atividades vinculadas à realidade da maioria dos alunos e o medo de ser/fazer o diferente acabou.

Um exemplo: realizei com duas parceiras de regências, uma oficina sobre o gênero crônica e, ao mesmo tempo que pensávamos as características do gênero, levamos crônicas que tratavam de questões não tão distantes deles. O mais importante se deu na produção escrita ao final das atividades: a maioria dos alunos escreveu acontecimentos racistas que envolviam seus familiares e a si próprios.

Não é possível descrever total sentimento de satisfação que foi/é poder observar e pensar minha prática como antirracista e ainda conseguir interligar a ela muitos outros problemas que vêm assombrando grande parte da população. Uma professora antirracista e feminista sempre será defensora dos direitos das grandes minorias.

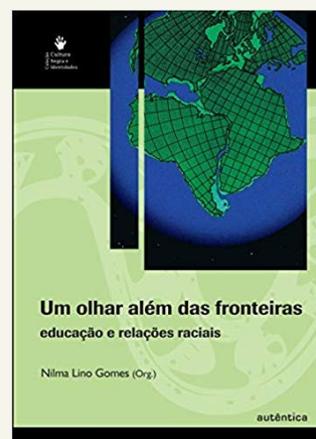
*Texto escrito por Janaina de Lima Ferreira, aluna do 7º período da Licenciatura Plena em Letras da UAST, bolsista do Programa de Residência Pedagógica de Letras da UAST, voluntária do Programa de Iniciação Científica (PIC) da UFRPE e membro do Grupo Macondo: Artes, Cultura contemporânea e outras epistemologias.*

## PARA SABER MAIS SOBRE A ESCOLA E O RACISMO



Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola  
Eliane Cavallero. 6ª ed. Selo Negro Edições.

Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais. Nilma Gomes. 2ª ed. Editora Autêntica.



## HIV/AIDS 36 ANOS DEPOIS: PENSANDO DESIGUALDADES E VULNERABILIDADE SOCIAIS

Mais de 35 anos após os primeiros casos de AIDS, ainda precisamos falar sobre a AIDS. Apesar dos avanços nas políticas públicas no campo do HIV/AIDS, historicamente, o termo tem sido atrelado à comunidade LGBT e, de forma mais precisa aos homens gays, às pessoas transexuais e às travestis, população estigmatizada e que sistematicamente ao longo das décadas ainda tem seu direito de viver negado.

Aqui, trazemos duas perspectivas: os relatos de Gabriel Abreu contidos no seu livro “Segundo Armário: diário de um jovem soropositivo”) e na série da emissora FOX (EUA) “Pose”. Essas duas fontes revelam situações distintas de como pessoas que convivem com o vírus são vistos e tratados na sociedade.

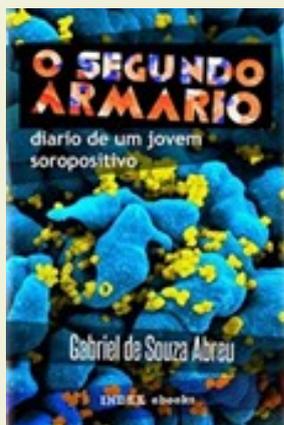


Figura 1:  
"O segundo Armário".  
Fonte: Amazon (2019)

Ainda que a realidade de Gabriel se apresente relativamente favorável, porque está inserido em um contexto de classe média/branca podendo custear grande parte do tratamento com seu plano de saúde, é inegável que o jovem passou e ainda passa por preconceitos e por dificuldades em conseguir os medicamentos de forma gratuita

Os entraves aumentam quando se trata de mulheres cis, mulheres e homens transexuais, travestis e homens gays em contexto negro e pobre – realidade no Brasil e no mundo. A série “Pose” trata desses indivíduos e nos revela o quanto um debate sobre HIV/AIDS necessariamente deve passar por uma discussão sobre desigualdade social e preconceito.

“Pose” traz à tona mulheres transexuais negras e homens gays negros que convivem com o vírus, nos primórdios da AIDS, e mostra o quanto a doença é estereotipada ao se falar da comunidade “T” negra.

Apesar do longo percurso na conquista de direitos LGBT+ nas últimas décadas, as ressonâncias dos processos de exclusão resultante das desigualdades sociais são evidentes. Organismos internacionais indicam que no mundo muitas mulheres cis e trans, além de travestis, ainda se submetem à prostituição como único modo de garantir sua sobrevivência.

Diante disso, populações específicas ainda são mais suscetíveis a contraírem o vírus – uma realidade entre mulheres, jovens negros, homens gays e população trans.

Essas questões precisam ser discutidas de modo responsável. Políticas públicas de saúde que levam em conta a complexidade da questão e campanhas na mídia que não contemplem um apelo moral ou que incitem o medo entre seu público alvo podem ser um dos caminhos para avanços significativos.

Séries como “Pose” e o livro como “Segundo Armário” são de uma relevância ímpar para se entender que o estigma relacionado ao HIV/AIDS é não apenas uma questão de saúde pública, mas o resultado de processos de um pensamento conservador e a consequente exclusão social que ele permite, especialmente no que se refere à população de mulheres cis, transexuais, travestis, gays, negrxs e pobres no Brasil e no mundo.



Figura 2: Série "Pose".  
Fonte: adorocinema (2019)

*Texto escrito por Pedro Vinícius da Silva Queiroz, estudante do 9º período do curso de Direito na Faculdade de Integração do Sertão – FIS e membro do DADÁ: Grupo de Pesquisa em Relações de Gênero, Sexualidade e Saúde (UFRPE/UAST).*

*Vladimir Bezerra, psicólogo clínico, doutorando em saúde coletiva pelo Instituto Fernandes Figueira – Fundação Oswaldo Cruz, membro do DADÁ: Grupo de Pesquisa em Relações de Gênero, Sexualidade e Saúde (UFRPE/UAST).. Email: vladbezerrabrazil@gmail.com*

## **DADÁ RECOMENDA: E QUANDO O CARNAVAL PASSAR? A PRODUTIVIDADE NO MODELO CAPITALISTA EM TORITAMA - PE.**

O modelo de produção industrial implantado na Inglaterra no século XVIII, do qual emerge a Revolução Industrial, tem similitude pragmática com o modelo que hoje impulsiona e movimenta a economia da cidade de Toritama, cidade do interior do estado de Pernambuco considerada um centro ativo do capitalismo local.

A partir desses elementos, o filme-documentário “ESTOU ME GUARDANDO PARA QUANDO O CARNAVAL CHEGAR” de Marcelo Gomes, tece uma crítica dicotômica sobre o modelo capitalista implantado na economia do século XVIII e aquele implantado na economia de Toritama – PE.



Figura 1: Capa do filme.  
Fonte: Adorocinema (2019)

No documentário, a presença de alguns elementos foi fundamental para a associação com as características das atividades exercidas por grande parte da população de Toritama – PE e pela população da Inglaterra do século XVIII.

Um marco do capitalismo implantado na Europa, em específico, na Inglaterra foi a concentração do trabalho e exercício das atividades no meio urbano. Em outras palavras, os trabalhadores não desenvolviam mais suas atividades no campo (no meio rural), sendo alocadas em fábricas nos grandes centros da Inglaterra.

Em Toritama, também há a alocação de atividades na cidade e não no campo. Essa presença é tão forte que é possível perceber a movimentação e aglomeração nas ruas logo cedo, indo exaustivamente até muito tarde.

Em Toritama, são produzidos mais 20 milhões de jeans anualmente e a jornada de trabalho é exaustiva, pois o lucro se dá por peças que chegam a custar vinte centavos. Isso exige um tempo árduo de trabalho que incide diretamente na alienação das pessoas.

Ao final do documentário, as pessoas buscam incessantemente vender seus eletroeletrônicos e utensílios para viajar e aproveitar o carnaval na capital do estado, que dura em média uma semana. Essa semana de férias não compensa o ano trabalhado exaustivo anualmente. Ao retornarem, compram novamente tudo que venderam e, assim, a vida desses trabalhadores assume forma cíclica.

Durante o período que compreende o carnaval, as ruas de Toritama são tomadas pelo silêncio e pela solidão (uma verdadeira cidade fantasma), somente nesse momento é possível visualizar a essência das cidades de interior, suas belezas e relembrar um passado quando o dinheiro não ditava as vidas das pessoas nem as invadiam de forma agressiva.

*Texto escrito por Jônatan David Santos Pereira, Graduando em Direito na Faculdade de Integração do Sertão – FIS. Membro-pesquisador do Dadá – Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Relações de Gênero, Sexualidade e Saúde da UAST/UFRPE, membro da Comissão de Direitos Humanos da Universidade Federal de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UFRPE-UAST) e membro do Movimento Diverso, Serra Talhada-PE*



O Parque das Feiras está localizado na cidade de Toritama, município do estado de Pernambuco, a 170km de distância da capital. O Parque é um dos mais importantes polos comerciais de moda do agreste pernambucano, com mais de 1000 boxes / lojas, praça de alimentação e estacionamento para mais de 2 mil veículos. O jeans de Toritama atrai consumidores de todo o Brasil para comprá-lo e, depois, revendê-lo em suas cidades.

## JAZZ

[...]

Apesar do sofrimento que Violet provocou, o nome dela foi mencionado na reunião de janeiro do Clube de Mulheres de Salém, como alguém necessitada de ajuda, mas não passou na votação, porque só reza — não dinheiro — podia ajudar Violet agora, já que estava casada com um homem mais ou menos capaz (que precisava parar de sentir pena de si mesmo) e porque um homem e sua família da rua Cento e Trinta e Quatro tinham perdido tudo num incêndio. O Clube se mobilizou para ir em auxílio da família vitimada pelo fogo e deixou Violet concluir sozinha qual era o seu problema e qual a solução.

Ela era incrivelmente magra, a Violet. Cinquenta anos, mas ainda bonita quando apareceu no velório. Seria de se supor que ser jogada para fora da igreja ia encerrar o assunto — com a vergonha e tudo —, mas não. Violet é ruim e bonita o suficiente para achar que mesmo sem quadris nem juventude ela podia castigar Joe arrumando um namorado e permitindo que ele a visitasse em sua própria casa. Achou que isso ia secar as lágrimas dele e dar a ela alguma satisfação também. Podia ter funcionado, talvez, mas os filhos dos suicidas são difíceis de agradar e prontos para acreditar que ninguém gosta deles porque não estão ali de verdade.

De qualquer forma, Joe não prestou a menor atenção em Violet nem no amigo dela. Se foi ela que mandou o namorado embora ou se foi ele que largou dela, não sei dizer. ele pode ter passado a sentir que os dotes de Violet eram pobres comparados com a pena que sentia do homem de coração partido no quarto ao lado. Mas o que eu sei de fato é que essa confusão não durou duas semanas. O plano seguinte de Violet — se apaixonar de novo pelo marido — acabou com ela em vez de lhe dar algum apoio. lavar os lenços dele e pôr a comida na mesa na frente dele era o máximo que ela conseguia. Um silêncio envenenado pairava pelos cômodos como uma grande rede de pesca que só Violet rasgava com ruidosas recriminações. O desalento diurno de Joe e as noites preocupadas dos dois devem tê-la esgotado. então ela resolveu amar — bem, investigar — a garota de dezoito anos cuja carinha cor de creme ela tentara cortar mesmo que nada além de palha tivesse saído ali de dentro.

De início, Violet não sabia nada a respeito da moça, a não ser seu nome, idade e que ela era muito considerada no salão de beleza legalizado. então começou a reunir o restante das informações. Talvez ela pensasse que iria resolver o mistério do amor assim. Boa sorte e me conte como foi.

Morrison, Toni. *Jazz*. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/12344.pdf>>

## SOBRE A AUTORA

Toni Morrison, nascida Chloe Ardelia Wofford, foi a primeira escritora afro-americana a ganhar um Nobel de Literatura em 1993.

Nascida em Ohio, no ano de 1931, filha de um soldador e uma dona de casa, graduou-se em inglês e literatura clássica, fez mestrado em literatura e dedicou-se ao ensino básico por nove anos.

Toni Morrison lançou seu primeiro romance, *O olho mais azul* em 1970, aos 39 anos de idade. Na década seguinte, em 1987, lança aquela que é considerada sua obra-prima: *Amada*. A obra de Toni Morrison inclui onze romances, cinco livros infantis, oito obras de não ficção, além de diversos contos e peças teatrais.

Morrison teve papel essencial na difusão de escritores negros nos EUA e de países africanos. Toni Morrison faleceu em 5 de agosto de 2019 após uma breve doença.



Figura 1: Toni Morrison (1931-2019) Fonte: Portal da Literatura (2019).

## DADA POÉTICO A REVOLUÇÃO É FEMINISTA

Os pelos são nossos  
e com eles fazemos o que queremos.  
Ora crescidos, ora podados, emaranhados, crespos, lisos, cacheados.  
Infinitos.  
Ora sem. Sim, desapegar é preciso.  
Fazer o ciclo girar e buscar novas formas se olhar. Amar-se.  
Manas, a gente precisa desacreditar desses ditos sem fundamentos:  
“cabelo liso e comprido é mais bonito”.  
“é preciso estar em forma”  
“pelos são nojentos”  
Bonita é a nossa liberdade!  
E a sociedade sempre soube disso  
E foi por isso, que as nossas ancestrais foram perseguidas.  
Já parou pra pensar que, na verdade,  
as ditas ‘bruxas’ foram mulheres destemidas?  
Mulheres que mantinham contato com a terra,  
Parteiras que sabiam para que servia cada erva.  
Mulheres sábias e, por isso, covardemente, incineradas.  
Mas o que essa gente não sabe é do fogo que ainda arde  
dentro dos nossos corpos.  
Da nossa vulva queima o desejo em estarmos juntas na luta!  
Rompendo como os inúmeros padrões que nos são impostos,  
Reivindicando o direito pelo voto,  
A liberdade do nosso corpo,  
Destruindo o patriarcado,  
Expondo o macho escroto,  
Sendo bem pagas por nosso trabalho, no mínimo!  
Nos cuidando nas rodas do sagrado feminino  
Nas campanhas da saúde ginecológica.  
Nas inúmeras formas que nos mantêm unidas.  
Mulheres,  
é chegada a hora:  
A revolução é agora,  
e é feminista!

*Texto escrito pela poeta Bruna Florie, produtora cultural, professora de teatro, atriz, ativista, feminista e artesã. Integrante do Coletivo Pantim, do Coletivo Mangaio e do coletivo de produção cultural Casa Espiral da Terra, em Triunfo - PE.*

## EXPEDIENTE:

UFRPE- Universidade Federal Rural de Pernambuco  
UAST- Unidade Acadêmica de Serra Talhada

### Endereço:

Avenida Gregório Ferraz Nogueira, S/N  
Bairro: José Tomé de Souza Ramos  
CEP: 56909-535. Serra Talhada – PE  
E-mail: [dadaufrpe@gmail.com](mailto:dadaufrpe@gmail.com)



## COORDENADORA DO DADÁ

*Lorena Lima de Moraes*

## COORDENADORA ADJUNTA DO DADÁ

*Nicole Louise Macedo Teles de Pontes*

## CORPO EDITORIAL

*Larissa de Pinho Cavalcanti  
Lorena Lima de Moraes  
Nicole Louise Macedo Teles de Pontes*

## Estamos nas redes sociais!

**Curta nossas páginas e fique por dentro das nossas atividades!**



@dadaufrpe



/dadaufrpe



[dadaufrpe@gmail.com](mailto:dadaufrpe@gmail.com)

## APOIO:



## INTEGRANTES

### UAST

Andrea de Holanda  
Deborah Santos  
João Paulo Honorato da Silva  
Kecya E. Beserra Freire  
Luedna Avelino  
Manuella Silva  
Natália Marques  
Nathália Nascimento  
Rayana Sophia de Souza  
Patrícia de Lira Marques  
Roberta C. F. de Souza Gomes  
Valéria Pereira Ribeiro  
Thiely Oliveira

### FIS

Jônatan David Santos pereira  
Pedro da Silva Queiroz  
Luísa Marianna

### AESET/UPE

Heleno Pereira Nunes

### IF SERTÃO - PE

Valéria Costa

### OUTRAS INSTITUIÇÕES

Juliana Nascimento Funari  
Luísa Marianna Vieira da Cruz  
Robson da Costa Silva  
Shana Sampaio Sieber  
Vladmir Bezerra

Tiragem: 300 cópias

Publicação: Semestral

ISSN 2595-766X